

**RESENHA SOBRE O LIVRO "A ARTE DA VIDA" DE  
ZYG MUNT BAUMAN<sup>1</sup>**

Tarcísio VANDERLINDE

Professor do CECHEL/UNIOESTE.

Grupo de Pesquisa GEMMA – Estudos Geográficos, Mídia, Migrações e Ambiente.

tarcisiovanderlinde@gmail.com

“A Arte da Vida” não é um livro de autoajuda, como apressadamente se poderia concluir a partir do título. Trata-se de uma viagem irônica, que inclui, na passagem, diálogos inesperados com autores que marcaram a história do pensamento humano. No pretexto da busca pela felicidade num tempo líquido, entre outros autores, Bauman garimpa, entre Friedrich Nietzsche e Emmanuel Levinas, um sentido para a existência humana.

“Tempo líquido” é uma expressão transversal na obra do sociólogo polonês que já tem em torno de 20 títulos publicados no Brasil. A fluidez requerida pelo mercado, e pelas relações humanas em geral, aparece discutida em momentos diferentes em várias de suas obras. De modo geral seus textos lembram uma frase de Marshall Berman e que é bastante conhecida no meio acadêmico e fora dele: “tudo que é sólido desmancha no ar”. Bauman vai, porém, além ao identificar, de forma ácida, as contradições que pairam na sociedade pós-moderna, e que, na sua visão, vive na “modernidade líquida”. Ao mesmo tempo em que a sociedade, de forma organizada/desorganizada, persegue a solidez em meio a uma situação caótica, ela mesma produz mecanismos de destruição sobre aquilo que ela mesma constrói. Em meio às metamorfoses contemporâneas, Bauman insiste em apontar a fragilização dos laços humanos num mundo onde as pessoas não querem mais se comprometer. Na era líquida ou dos relacionamentos frouxos, a causa e a política de uma humanidade compartilhada enfrentam a mais decisiva de todas as fases que já atravessaram em sua longa história. Ocorre que a história ainda não terminou, diria Bauman, de modo que escolhas ainda podem ser feitas.

A estratégia de tornar as pessoas mais felizes aumentando suas rendas aparentemente não funciona. Por outro lado, um indicador social que continua crescendo, de forma espetacular, paralelamente ao nível de riqueza é a taxa de criminalidade (p. 9). Fica um tanto difícil associar o PNB com um índice que meça o crescimento da felicidade. O contrário também seria aceitável. Recuperando um discurso do candidato Robert Kennedy<sup>1</sup> à presidência dos Estados Unidos em 18 de março de 1968, Bauman destaca: “o PNB mede tudo, menos o que faz a vida valer a pena” (p. 11). É possível concordar que cerca de metade dos bens cruciais para a

<sup>1</sup> Recebido para publicação em: ago/09 Aceito em: dez/09

felicidade humana não têm preço de mercado e nem podem ser adquiridos em lojas, como os prazeres da vida doméstica, a amizade e o amor. O lugar mais inadequado de se buscar a felicidade é justamente no mercado, pois este trabalha com a ideia de que a busca nunca termine. “Numa sociedade de compradores e numa vida de compras, estamos felizes enquanto não perdemos a esperança de sermos felizes” (p. 24). E esse sentimento de “felicidade” está inevitavelmente relacionado ao momento que antecede às compras.

A sociedade de consumo, que, com suas infundáveis seduções, trabalha com a ideia de tornar as pessoas felizes, atua num contexto orwelliano, onde o “duplipensar”<sup>22</sup> já não é mais visto como um problema, pois a cultura do sacrifício estaria definitivamente morta. O mercado, que antes se caracterizava por discutir as relações de produção, agora se expandiu para abarcar todos os relacionamentos. “A famosa afirmação de Orwell, ‘quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado’, continua atual e extremamente plausível muito tempo depois de sua inspiração original” (p. 60).

Na visão de Bauman, o mundo líquido-moderno está num estado de revolução permanente, onde não se admitem mais as revoluções de uma só vez, os eventos singulares que constituem lembranças dos tempos da modernidade “sólida”. O que se percebe é a banalização da ideia de revolução: “os redatores de comerciais usam e abusam dela, apresentando qualquer produto ‘novo e aperfeiçoado’ como ‘revolucionário’” (p. 87). “Num mundo líquido-moderno, afinal de contas, nenhuma atividade válida mantém a validade por muito tempo” (p. 95).

Bauman, contudo, convoca o leitor a refletir sobre a possibilidade de construir a vida como uma obra de arte mesmo em meio ao caos da sociedade líquida. Em sua viagem observa que o filósofo e historiador Tzvetan Todorov já havia feito uma escolha, e com bastante confiança para recomendá-la aos seus leitores. Percebe que, na visão de Todorov, a maior satisfação de uma obra de arte bem-sucedida seria aquela capaz de ser extraída de uma vida que atinja a Verdade, a Beleza, a Bondade, o Amor ou pelo menos se aproximasse deles: “uma via que se aproxime das categorias universais consideradas dignas do desejo e do esforço diligente graças não aos seus usos instrumentais, mas a sua própria natureza” (p. 108).

A capacidade de viver a vida como arte, defronta-se, contudo, com um novo ambiente, que revela paisagens sem precedentes. Percebe-se que a liberdade de autocriação jamais alcançou uma amplitude tão surpreendente, ao mesmo tempo excitante e assustadora. A situação provoca a procura de pontos de orientação, porém eles não estão disponíveis ou não são confiáveis. O agravamento da situação emerge de pontos de orientação fundamentado no discurso do fim das ideologias que pretende fortalecer o pensamento único, ideologia por excelência dos tempos líquidos. As ideologias estariam sendo reformuladas para uso privatizado e de grupos dominantes da sociedade individualizada. Com isso elas esvaziam as energias e desabilitam as forças que poderiam minar seus alicerces, pois turvam as

possibilidades de a sociedade revisitar-se.

Existem, porém, escolhas que podem ser feitas e aqui Bauman retoma ao que de melhor discute em toda a sua obra: a possibilidade da escolha. O livre arbítrio permanece à disposição do homem. Esse aspecto propositivo do autor, detectado no texto em tela, é também possível de ser percebido em toda sua obra. Bauman não é um escritor que se caracteriza pelo niilismo. Bauman busca nos filósofos da ética uma ponte que ainda pode ser utilizada no tempo presente. A ponte da qual fala liga duas margens do rio da vida: o autointeresse e a preocupação com os outros. A infeliz sociedade individualizada pode descobrir “[...] que cuidar de outras pessoas e ser bom para elas é, em suma, uma parte valiosa, talvez até indispensável, dos cuidados da pessoa consigo mesma” (p. 124). Lutero é lembrado por Bauman na possibilidade de escolha ao afixar suas 95 teses “heréticas” na porta da igreja do castelo de Wittenberg: **Ich kann nicht Anders** [não posso agir de outro modo]. Apesar de ter tido problemas, essa escolha deixou Lutero com a consciência em paz.

Sobre o caráter contemporâneo da ética, Bauman afiança que seguir suas demandas é deixar-se guiar unicamente pelo bem do outro. Observa que a mediação do contato humano é sustentada pelas expressões imediatas da vida e que não há necessidade de outro amparo. Além disso, a demanda ética pode ser considerada silenciosa, por não explicar que forma a preocupação com os outros deveria assumir. E é justamente nesse caráter reticente e silencioso que se materializa seu poder. A ética então seria um instrumento poderoso para livrar as pessoas do “fundamentalismo consumista”, pois pessoas que ajudam normalmente não aparecem nas paisagens pintadas da “utopia consumista”.

A digressão que Bauman constrói, ao finalizar o livro, pode ser considerada o ponto nevralgico da obra. A partir de uma análise crítica do pensamento de Friedrich Nietzsche e de Emmanuel Levinas sugere possibilidades de se construir a vida como obra de arte. Bauman avalia que nossa época é a época da ressurreição de Nietzsche, pois os consumidores da era líquido-moderna podem citar o filósofo e assim evitar acusações de incorreção política, esquivando-se assim de colocar sua própria assinatura e gerar um ultraje público. O “**Übermensch**” [o Homem Superior ou Super-Homem] de Nietzsche neutraliza aquilo que pode ser julgado politicamente incorreto.

O “**Übermensch**” de Nietzsche, contudo, se contrapõe à categoria da “responsabilidade” percebida por Emmanuel Levinas. Bauman explica a diferença entre as duas correntes de pensamento: “a primeira sugere um programa de cuidados com o ego, de esforço do ego e de preocupações totalmente auto-referenciais. Também apresenta a busca da felicidade como um esforço de autopromoção. A segunda oferece uma perspectiva de cuidado e preocupação com o outro – e a felicidade de “ser para”” (p. 159). No diálogo com Levinas, o autor alerta que aceitar a responsabilidade ética pelo outro é, sobretudo, uma questão de escolha, tendo poucos ou nenhum ponto ao seu favor, exceto a voz da consciência. E, no que se refere a ver claramente o que torna a vida feliz, concorda com Sêneca, para quem

essa jornada é um contínuo tatear em busca da luz.

Em Ivan Klima, Bauman descobre que a criação de uma relação mútua que seja boa e duradoura, em total oposição à busca do prazer por meio dos objetos de consumo, exige um grande esforço. A relação com o outro requer tolerância e consciência de que não se deve impor ao consorte suas perspectivas ou ideais nem ser um obstáculo à felicidade do outro.

No intuito de concluir estes breves recortes sobre o texto de Zygmunt Bauman, considera-se oportuno um destaque em que o autor assim se posiciona: “O amor, devemos concluir, se abstém de prometer um caminho fácil para a felicidade e o sentido. O ‘relacionamento puro’ inspirado pelas práticas consumistas promete este tipo de vida fácil, mas, pela mesma razão, torna a felicidade e o sentido reféns do destino” (p. 172). A restauração da ética a partir do exercício da responsabilidade pode aproximar o ser humano da felicidade. A vida como arte, e não apenas como uma caricatura, requer esta descoberta. Descoberta e prática não emergem, contudo de um caminho fácil. Em “A Arte da Vida”, Bauman propõe a reintrodução da ética na sociedade líquida.

Em reflexões anteriores, Bauman já havia observado que, na era da globalização, a causa e a política de uma humanidade compartilhada estaria a enfrentar a mais decisiva de todas as fases já atravessadas em sua longa história. Restaria, porém, o consolo de que a história ainda estaria conosco e, portanto, ela poderia ser (re)construída. E se a história não terminou, então escolhas ainda poderão ser feitas.

## Referência

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

<sup>1</sup> Robert Kennedy não chegaria à presidência dos Estados Unidos. Foi assassinado poucas semanas depois de ter proferido o discurso.

<sup>2</sup> Duplipensar é a capacidade de guardar, simultaneamente, na cabeça, duas crenças contraditórias e aceitá-las a ambas. Na explicação de George Orwell, inventor da expressão, duplipensar é saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e, ainda assim, acreditando em ambas. Até para compreender a palavra "duplipensar" era necessário usar o duplipensar.